

O grupo do corpo e o corpo do grupo¹

*Lazslo A. Ávila*²

Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, SP

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo propor uma forma de compreensão do fenômeno humano articulando a compreensão do que representa a grupalidade, como característica constitutiva da humanização. Partimos dos pressupostos biológicos fundamentais, da seleção das espécies à configuração do organismo humano como sistema integrado de órgãos e células. A grupalidade do corpo é inerente ao fato do convívio de 75 trilhões de células independentes vivas, e mais

Abstract

This paper has the purpose of presenting the comprehension of the human phenomenon, articulating the understanding of what groupality means as a constitutive feature of humanization, beginning with the biological fundamental presuppositions, from the species selection to the configuration of the human organism as an integrated system of organs and cells. The body's groupality is inherent to the cohabitation of 75 trillion of independent alive cells, besides the innumerable

¹ The group of the body and the body of the group.

² Psicólogo, Mestre e Doutor pelo Instituto de Psicologia da USP, psicanalista. Autor de: *Doenças do Corpo e Doenças da Alma - Investigação Psicossomática Psicanalítica*. São Paulo : Escuta, 1996 e "Isso é Groddeck", São Paulo : EDUSP, 1998.

os inúmeros micro-organismos, que se compõem para que o indivíduo possa existir. Recorremos a um poeta e um escritor, Otávio Paz e Jorge Luis Borges, que descrevem com maestria, como não pode haver senão um só espírito humano, que mercê da linguagem, habita todos os homens e permite que cada homem se reconheça como parte da coletividade maior de todos os homens, desde o início de sua História. Concluimos com Freud, e sua demonstração de que no homem o que existe já não é natureza, mas pulsão, limite entre o psíquico e o somático e, portanto, que sua ‘natureza’ é uma natureza construída. Dessa forma, o corpo humano deve ser visto como um corpo trabalhado pela mente, e essa por sua vez, só pode ser entendida se a compreendemos como uma “obra coletiva”, produto do conjunto dos homens. Assim, a mente é o grupo, e o corpo, que é produto da mente, só pode ser representado como produzido grupalmente, corpo cultural que só remotamente se recorda biológico. O grupo também é corpo, na medida do corpo próprio dos indivíduos, e enquanto novo organismo, um produto de Eros. Criar sempre novas unidades, ampliando e complexificando, tal é a função de Eros.

Palavras-chave: grupalidade; grupo; psicologia social.

microorganisms that are arranged in a way that gives living conditions to the individual. We evoke a poet and a writer, Otávio Paz and Jorge Luis Borges, who have given masterly descriptions of the unique human spirit, which, thanks to language, inhabits all men and permits that each one recognizes himself as part of the larger collectivity of all human beings, since the beginning of History. Agreeing with Freud and his demonstration, we state that what exists in man is no more nature, but pulse, which constitutes the boundary between the psychic and the somatic and therefore his “nature” is a “constructed nature”. So the human body must be understood as a body molded by the mind, which, in turn, can only be understood if we comprehend it as a “collective work”, product of all human minds. In that sense, the mind is the group, and the body, that proceeds from the mind, can only be presented as a group product, a cultural body that only remotely remembers its biological origin. The group is also a body, as far as individuals have bodies, and, as a new organism, it is an outcome of Eros whose core function is to go on creating new unities, enlarging and making them more complex.

Keywords: groupality; group; social psychology.

O corpo humano: essa obra maravilhosa nos mostra como a diversidade encontra-se com a unidade, e porque a composição de inúmeros seres vivos em um novo ser é a lei fundamental do agrupamento.

De acordo com a fisiologia humana somos compostos por 75 trilhões de células, cada uma um ser vivo em si mesma.³ Cada célula, já de *per se* é uma complexa unidade de partes diferenciadas, ou seja, um grupo ou feixe de funções, que cumprem com todas as funções básicas inerentes a um ser vivo como: respirar, se alimentar, excretar, se reproduzir e morrer. A maioria das células humanas se reproduz entre três e seis vezes ao longo da vida do indivíduo. Estas células se agrupam em órgãos diferenciados, sua morfologia básica se alterando nessa composição e o órgão gerado passa a desempenhar novos atributos. Assim, a diferenciação e a especialização andam de par com a complexificação e articulação do conjunto total de funções, que permite a um organismo se desenvolver como um ser autônomo e individual capaz de viver e se reproduzir deixando novos descendentes, portadores de suas características particulares.

Tomado em seu conjunto, o corpo humano é um grupo. Grupo de indivíduos; as células, e grupo de funções; os órgãos e sistemas. Tomado em suas partes, em seus subsistemas, também vemos grupos em ação: o complexo funcionamento do sistema nervoso central é uma demonstração cabal da inter-relação dos neurônios, do trabalho articulado dos hemisférios, das retro-alimentações para liberação e recaptção dos neurotransmissores nas sinapses etc. O sistema sanguíneo é outra exemplificação: sistema em si mesmo é parte componente fundamental para a vida de todos os outros sistemas. Porém, não são apenas as células, que são em si, coisa própria do organismo, o que permite constatar a existência solidária do grupo dentro do indivíduo. É preciso lembrar que inúmeros outros organismos, bactérias, fungos, etc., convivem conosco e são partes integrantes e fundamentais para a existência e manutenção de funções básicas do organismo tais como a digestão. Sem estes milhares de bactérias que oxidam, rompem cadeias moleculares, catalisam reações e transformam produtos, a vida do indivíduo seria impossível. Portanto, cada indivíduo, cada organismo é uma sociedade, um grande grupo, onde inúmeros indivíduos contribuem com sua ação específica para que este conjunto possa existir como um todo individual.

³ GUYTON. *Fisiologia Humana*. 1988:304.

Diferenciando-se de seus irmãos animais pela recém-conquistada capacidade simbólica, o homem passou a ser um criador de mundos e não apenas um habitante do mundo. Seu corpo continuou tributário, é óbvio, mas é necessário “ressurgir” da Biologia. Prosseguimos com o mesmo corpo em termos genético, bioquímico e físico-molecular de qualquer outro ser vivo. Entre nós e os outros mamíferos antropóides, no campo da descrição bio-física, as diferenças são tão pequenas, que podem ser consideradas desprezíveis: exatamente o mesmo DNA, exatamente a mesma proporção dos diversos elementos químicos, gerando as mesmas proteínas e, no entanto, uma diferença absoluta na qualidade da ação sobre o mundo. Toda essa diferença, tão importante para o nosso narcisismo, nasce apenas da possibilidade de abstrair, simbolizar, criar e articular significados, comunicar-se, transmitir informação, além de gerar conhecimentos. A vida em sociedade, com suas diferenciações progressivas, a ‘História Humana’, que começa a existir tão logo se cria a linguagem escrita e o trabalho conjunto dos homens gerou uma nova dimensão, inédita em termos das espécies: a Cultura.

Mas voltemos ao nosso tema: o grupo é um corpo, assim como o corpo é um grupo. Como o é a totalidade das células, assim também diversos homens compõem novas totalidades, que representam novos organismos. FREUD (1920, 1923) dizia que Eros é a Lei fundamental da vida. Lei da união, lei da criação, Eros rege tudo aquilo que se junta, que se organiza, que se complexifica. Eros rege todo o movimento e toda composição em novas unidades. Os grupos são, ao mesmo tempo, a forma natural em que os homens, já desde o tempo dos antropóides proto-humanos, reuniam-se, para sobreviver como espécie, e na forma cultural que mantinham. Os grupos são a forma mais genérica de relacionamento entre os homens, provavelmente mais primordial do que a própria forma de relacionamento aos pares, ou em forma de casal. Nos grupos realizam-se as formas primárias de humanização e socialização. Família, em qualquer sociedade é a *célula-mater*. Observe-se a metáfora biológica. Depois da família, o relacionamento dos clãs, as leis da exogamia, a formação das sociedades ancestrais das quais descendemos. A vida em sociedade não é apenas uma forma de triunfo da sobrevivência das espécies melhor organizadas, é uma exigência de Eros.

Utilizarei, agora, uma metáfora literária, para tentar dar conta dessa grupalidade: penso que somos, cada um de nós, como uma página de um livro, autônomos e individuais em termos, mas somente ter significa-

do por ser parte de um todo, de uma história que nos transcende, a escritura múltipla que nos intercala, nos combina, nos põe em seqüência e nos devolve à história. Nunca auto-suficientes, nós só temos significado e importância porque escrevemos juntos a mesma história. Nossa vida é apenas uma letra. Todos juntos formamos um discurso, que ignoramos. Qual é nossa parcela? O que escrevemos, se somos escritos? A humanidade, e cada homem, é uma obra coletiva.

Otávio Paz assim formula este princípio: “o homem é os homens e a cultura as culturas”.⁴ O mesmo autor, discutindo a linguagem, afirma que “não é o poeta que se serve da linguagem e sim esta que fala através do poeta”, e que uma literatura não devia ser considerada “um conjunto de obras, mas uma só obra”.⁵ PAZ consegue, com o recurso do estruturalismo, demonstrar a unidade inerente a todas as formas culturais, e ao homem de todos os tempos:

À maneira de Lévi-Strauss se poderia dizer que as civilizações comunicam-se entre si sem que aqueles que as elaboram se dêem conta. (...) não há povos marginais e a pluralidade das culturas é ilusória porque é uma pluralidade de metáforas que dizem a mesma coisa. Há um ponto em que se cruzam todos os caminhos; este ponto não é a civilização ocidental e sim o espírito humano que obedece, em todas as partes e em todos os tempos, às mesmas leis.⁶

Outro autor importante é o escritor argentino Jorge Luis Borges que aponta para a permanência e a antecedência de certas obras da literatura, como as “Mil e uma noites”: “Trata-se de um livro tão vasto que nem é preciso lê-lo. Ele é parte prévia de nossa memória”.⁷ Para BORGES a escrita é tanto criação e descoberta quanta recordação: “Quando escrevo alguma coisa, tenho a sensação de que isso preexiste (...) as coisas já se encontram ali. Mas estão ali escondidas e meu dever de poeta é descobri-las”.⁸

FREUD gostava de citar Shakespeare, e seu famoso dístico: “Nada do que é humano me é alheio”. BORGES cunhou sua própria versão ao afirmar que “aquilo que um único homem viveu, todos os homens viveram”.

⁴ PAZ, O. *Sendas de Oku*. 1986:21.

⁵ PAZ, O. *Claude Lévi-Strauss, ou o Novo Festim de Esopo*. 1993:33.

⁶ PAZ, O. *Idem*, p. 36-37.

⁷ BORGES, J. L. *Sete noites*. 1987:88.

⁸ BORGES, J. L. *Idem*, p. 124.

Vemos então, que a cultura humana nos fornece esses referenciais de coletividade, que nos permitem a cada homem em particular, situar-se como um indivíduo pertencente a determinada Cultura, e através desta, saber-se Homem. A verdade, porém, é que esta própria subjetividade só pode se constituir a partir das categorias culturais. Isso quer dizer que o indivíduo só pode existir em função dos outros indivíduos, sendo sua vida essencialmente relação, como bem apontaram ADORNO e HORKHEIMER.

O que seria do corpo humano se não fosse habitado pela subjetividade? É claro que poderia existir biologicamente, poderia sobreviver, se alimentar, se reproduzir, etc., mas não seria humano. Seria organismo. A Psicossomática moderna mostra-nos que funções biológicas primárias, como respiração, circulação, digestão etc., podem ser completamente alteradas pelas funções psíquicas. O corpo humano é trabalhado pela mente. Mas essa mente, como vimos, é uma forma compartilhada de humanidade. Dessa forma, no nosso próprio corpo ingressa a coletividade. O que fazemos de nossa mão depende das formas que outros homens possibilitaram; a forma como usamos nossos pés, nosso tronco, nossa visão, a forma como afetamos nossos sentidos e aparelhos, tudo isso é trabalhado culturalmente. Por isso nosso corpo não pertence à Biologia: somos humanos até onde a natureza mais parece reclamar seus direitos. Mas tudo isso FREUD já concluiu, quando demonstrou o papel das pulsões, revelando o que é o sexo para a espécie humana. Estamos apenas redescobrimo o que FREUD apontou: Eros.

Referências bibliográficas

- ADORNO, T. e HORKHEIMER, M. *Temas Básicos da Sociologia*. São Paulo : Cultrix, 1973.
- BORGES, J. L. *Sete noites*. São Paulo : Max Limonad, 4a. Ed., 1987.
- FREUD, S. *Tres ensayos para una Teoria Sexual*. (1905) In: *Obra Completa*, Tomo II. Madrid : Biblioteca Nueva, 1973.
- _____. *Más allá dei principio dei placer*. (1920) In: *Obra Completa*, Tomo III. Madrid : Biblioteca Nueva, 1973.
- _____. *El Yo y el Ello*. (1923). In: *Obra Completa*, Tomo III. Madrid : Biblioteca Nueva, 1973.
- GUYTON, A. C. *Fisiologia Humana*. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 1988.
- MOROZOV, V. P. *A linguagem dos animais*. Moscou : Mir, 1988.
- PAZ, O. Claude Lévi-Strauss ou o Novo festim de Esopo. São Paulo : Perspectiva, 1993.